

Depressão

A prolongada combinação de recessão com juros altos está produzindo uma situação paradoxal que coloca em risco a sobrevivência de muitas empresas: quanto mais elas produzem e vendem, mais perdem.

Esta é uma das conclusões de um estudo realizado pela consultoria Arthur Andersen junto a 400 empresas de dez diferentes setores, que têm ativos totais equivalentes a US\$ 20 bilhões. No primeiro semestre, a saúde financeira dessas empresas piorou. Elas perderam capital de giro, viram seu patrimônio (avaliado em US\$ 12 bilhões) encolher 2% e ficaram mais dependentes dos bancos.

O economista Márcio Orlandi, sócio-diretor da Arthur Andersen e coordenador da pesquisa, diz que nos três primeiros meses do ano a margem bruta das empresas (lucro bruto como porcentagem das vendas) caiu, mas essa queda foi compensada pelas receitas financeiras. No segundo trimestre do ano, ao contrário, houve uma combinação de queda de margem bruta com elevação das despesas financeiras que resultou em prejuízo operacional.

Para escapar da crise provocada pela elevação do custo do dinheiro, as empresas precisariam elevar suas margens, visto que a ampliação das vendas, como o estudo constatou, resultou em maiores perdas. Mas uma economia em estágio agudo de recessão como a nossa não aceita aumento da margem.

Desde o ano passado se notava a queda da rentabilidade das empresas. Estudo realizado pela Fundação Seade mostra, de fato, que a recessão atingiu mais duramente os resultados das empresas do que sua produção. Enquanto a produção física caiu 4,7% no Estado de São Paulo em relação a 1989, o faturamento das empresas caiu nada menos do que 14,8%. Em outras palavras, para evitar queda maior na produção, as empresas reduziram seus lucros.

O trabalho da Arthur Andersen revela que esse processo de ajustamento das empresas à crise foi aprofundado a ponto de resultar em prejuízo expressivo. De janeiro a março, as empresas analisa-

das apresentaram pequeno lucro de 0,27% sobre as vendas. No segundo trimestre, as vendas foram 22,8% maiores do que no primeiro, mas as empresas acumularam perdas de 3,6% sobre as vendas.

Ressalte-se que o estudo coordenado por Orlandi inclui um período que, de acordo com os dados divulgados pelo IBGE na semana passada, apresentou surpreendente recuperação da atividade econômica. No segundo trimestre, o PIB cresceu 7,77% em relação ao primeiro. Mesmo que se faça a ressalva de que era baixa a base de comparação (o primeiro trimestre do ano, cuja produção foi 6,47% menor do que a do último trimestre de 1990), é preciso reconhecer que o resultado do período abril-junho indicou melhora da situação. Nem mesmo nesse quadro melhor as empresas conseguiram recuperar suas margens.

A situação hoje deve ser pior, visto que a atividade econômica voltou a cair, a ponto de neste momento muitos segmentos estarem praticamente sem negócios. Não parecem infundados, por isso, os temores manifestados por Orlandi de que neste final de ano a economia possa ser sacudida por uma onda de insolvência. O problema é particularmente grave porque, de modo geral, as empresas estão sem estoque para oferecer como garantia a seus credores.

À falta de um programa coerente de ajuste econômico, para o qual ainda não obteve o necessário apoio político, o governo anuncia que continuará a usar com rigor crescente os instrumentos de que dispõe, as políticas fiscal e monetária. Isso quer dizer apertos mais fortes, que empurrarão os juros mais para cima e trarão dificuldades maiores para as empresas.

Se um ajuste externo — um acordo com o FMI até o fim do ano, que facilitaria o acordo com os credores externos — não trouxer um alento à economia nacional, a recessão pode transformar-se rapidamente em depressão.